

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NA PRÁTICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DA FORMAÇÃO PEDAGÓGICA E CULTURAL NO CENTRO ODARA/PELOTAS

ANA CLARA GONÇALVES SARAIVA¹ ; JOÃO DANIEL DORNELES RAMOS²

¹Universidade Federal de Pelotas – anaclara.ufpel@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – jodorneles@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem como objetivo relatar uma experiência formativa vivenciada no Centro de Ação Social, Cultural e Educacional Odara, localizado em Pelotas/RS. Inserida no campo da formação docente e da educação antirracista, a experiência abordou a importância das práticas pedagógicas em espaços não escolares que valorizam a identidade negra, os saberes tradicionais e a memória coletiva.

Logo no início da vivência, fui acolhida de forma sensível e generosa pela equipe do Centro Odara, o que possibilitou um espaço de escuta, aprendizado e troca genuína. O sentimento de pertencimento, proporcionado desde os primeiros encontros, favoreceu uma abertura para revisões internas, o reconhecimento de privilégios enquanto pessoa branca e a escuta atenta aos saberes das lideranças negras e demais participantes do grupo Odara. Este centro de Cultura é reconhecido por seu engajamento social e educacional com o objetivo de valorizar e dar visibilidade à cultura negra, por meio da dança e da percussão. A organização surgiu do projeto Cabobu, festival que reuniu grupos de músicas e danças populares na região para apresentar a pluralidade da cultura negra no Estado, no início dos anos 2000.

Ao comparar a minha experiência no Odara com outra experiência anterior como integrante de um Centro de Tradições Gaúchas (CTG), percebi como meu corpo foi moldado de forma distinta, inserida em dois espaços culturais diversos: na minha experiência anterior, no CTG, eu me sentia retraída. Agora, no Odara, sinto que meu corpo foi convidado a se expressar de diferentes formas.

Essa dinâmica, como mostra Carla ÁVILA (2006), ao falar em *beleza e encantamento negro*, materializa-se, especialmente, na dança e nas práticas de percussão vivenciadas junto ao Odara, onde o corpo negro se apresenta em toda a sua beleza e potência, transformando-se em patrimônio cultural africano (ANJOS, 2008) e protagonizando que a atuação no palco seja vista como um gesto de resistência e de afirmação. Essa vivência corporal me permitiu perceber como diferentes espaços culturais produzem formas distintas de pertencimento, identidade e de liberdade de expressão, ampliando ainda mais a reflexão crítica sobre educação, cultura e sociedade.

A formação docente no Brasil ainda carece de articulações efetivas com as propostas antirracistas, como prevê a Lei nº10.639/03. Segundo Nilma GOMES (2012), é fundamental que os futuros educadores se envolvam com práticas que superem o eurocentrismo e que promovam o reconhecimento das matrizes africanas

na cultura nacional. Dessa forma, a vivência que venho estabelecendo junto ao Centro Odara está contribuindo para que se possa ampliar o olhar pedagógico sobre práticas decoloniais e educativas, que emergem de comunidades que foram e são, historicamente, marginalizadas.

O objetivo deste relato, portanto, é compartilhar como essa experiência está influenciando a minha formação inicial em Licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Federal de Pelotas, despertando várias reflexões críticas sobre o currículo, a identidade e a justiça social. O argumento de Nilma GOMES (2017) sobre o movimento negro educador emerge, assim, como possibilidade de pensarmos práticas antirracistas tanto na Universidade como na sociedade envolvente.

2. METODOLOGIA

Esse trabalho constitui-se como um relato de experiência, com abordagem qualitativa e um caráter descritivo-reflexivo, centrado na minha participação enquanto licencianda do curso de Ciências Sociais, em atividades formativas desenvolvidas pelo Centro Odara. A vivência teve início em maio de 2025 e está em andamento, com previsão de se estender até novembro do mesmo ano, como parte de uma iniciativa de extensão universitária voltada à práticas educativas comunitárias.

Participo, semanalmente, todas as quintas-feiras, das atividades do Centro, que envolvem aulas de percussão e dança, rodas de conversa sobre ancestralidade e encontros formativos ministrados por lideranças comunitárias negras. Essas práticas constituem o núcleo da experiência relatada neste trabalho e são fundamentais para compreender os modos pelos quais o Odara articula educação, cultura e identidade negra.

Inspirada nos pressupostos da etnografia interpretativa de Clifford GEERTZ (2008), esta experiência parte da compreensão de que o trabalho de campo deve ir além da simples descrição de eventos, buscando alcançar os significados culturais que os sujeitos constroem e mobilizam em suas interações cotidianas. Assim, ao relatar a minha vivência no Odara, opto por elaborar uma “descrição densa” etnográfica das práticas, considerando tanto os aspectos objetivos das atividades (que se dão nas rodas de conversa, oficinas de percussão e dança, encontros com lideranças, entre outras) quanto pelos sentidos sociais e identitários que são atribuídos a elas, tanto pela comunidade envolvida como por mim mesma, enquanto uma pesquisadora em formação aprendiz de antropóloga.

Outra referência metodológica importante neste trabalho foi a definição de uma experiência prévia, desenvolvida em um trabalho etnográfico proposto pela disciplina de Antropologia I, no qual foram exercitados procedimentos de observação, registro e análise de campo a fim de criar exercícios de transposição didática. Essa bagagem teórico-metodológica foi fundamental para orientar a minha inserção no Odara, bem como para sistematizar as reflexões no presente relato. Ao mesmo tempo, a vivência atual complementa essa formação, permitindo

estabelecer um diálogo produtivo entre a prática da disciplina acadêmica e a prática comunitária do Centro.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A participação no Centro Odara permitiu observar como o espaço comunitário atua como um potente lugar de ensino e aprendizagem, levando em conta as possibilidades de lutas antirracistas. As oficinas com o tambor de sopapo, ministradas por integrantes do Odara, proporcionaram, além do contato com uma tradição musical ancestral negra, um espaço de escuta e de fortalecimento das identidades negras. O referido instrumento, símbolo de resistência no sul do Brasil, foi apresentado não apenas como objeto sonoro e musical, mas como memória viva, evidenciando o patrimônio africano.

As rodas de conversa fomentam o diálogo intergeracional, aproximando jovens e idosos em torno da memória coletiva e da valorização da identidade e ancestralidade negra. Esses momentos contribuíram para a construção de uma escuta ativa e horizontal, onde diferentes vivências puderam ser compartilhadas com respeito, promovendo o fortalecimento comunitário e o reconhecimento de saberes tradicionais que são sistematicamente invisibilizados pelo racismo. As rodas de conversa também abordaram temas como racismo, colorismo, autoestima e ancestralidade. A escuta das lideranças da comunidade ampliou a minha percepção sobre a importância dos territórios culturais como espaços legítimos de educação. Como destaca Paulo FREIRE (1996), a educação libertadora parte da realidade concreta dos sujeitos e, nesse sentido, o Odara atua como um território pedagógico por excelência e, pelo que podemos entender na esteira de Nilma GOMES (2017), como uma parte do Movimento Negro Educador.

Além disso, a vivência demonstra que compreender tais práticas não se resume à observação distanciada, mas envolve deixar-se afetar pelo campo. Nesse sentido, dialogamos com o que Márcio GOLDMAN (2007), ao retomar a obra da antropóloga Jeanne Favret-Saada, nos mostra, a saber, que a etnografia se torna possível, de fato, quando o/a pesquisador(a) aceita ser atravessado(a) por afetos construídos na interação em campo, quando as diferentes percepções e afecções ali se dão. Logo, além da formação que desenvolvo junto às oficinas do Odara, enquanto aprendiz de antropóloga, sou atravessada por dimensões corporais da experiência. O acolhimento dado pelo Centro, somado a minha participação em rodas de conversa, oficinas de percussão e dança, constituiu, portanto, não apenas momentos de aprendizagem, mas também processos de afetação que reconfiguraram minhas percepções sobre a construção de identidade, os valores da ancestralidade negra e a importância das práticas educativas antirracistas que, certamente, moldam meu corpo e minhas reflexões como licencianda em Ciências Sociais.

4. CONCLUSÕES

A experiência no Centro Odara demonstra a relevância de observarmos os espaços educativos comunitários e do movimento negro na formação de futuros docentes, profissionais e pesquisadores/as, especialmente ao promover práticas que valorizam a cultura afro-brasileira, a ancestralidade e o diálogo intergeracional. Para a área das Ciências Sociais, essa vivência se mostra igualmente significativa, pois evidencia de que modo os processos educativos e culturais, produzidos em territórios populares, contribuem para compreendermos melhor as dinâmicas sociais, identitárias e políticas.

Assim, esta experiência amplia o meu olhar crítico e ressalta que as Ciências Sociais podem apreender muito ao se aproximar de práticas comunitárias negras, historicamente invisibilizadas, e que nos oferecem caminhos concretos para pensarmos práticas de justiça social, reparação, diversidade e equidade racial.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, J. C. dos. A filosofia política da religiosidade afro-brasileira como patrimônio cultural africano. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 9, n. 13, p. 77-96, 2008.

ÁVILA, C. S. de. Beleza e encantamento negro: estudo sobre afirmação étnica por intermédio do corpo na ONG Odara, Pelotas/RS. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Ciências Sociais). Pelotas: UFPel, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOLDMAN, M. Os afetos e a pesquisa etnográfica. **Mana**, Rio de Janeiro, 2007.

GOMES, N. L. **Educação, identidade negra e formação de professores**. Brasília: MEC/SECAD, 2012.

GOMES, N. L. **O Movimento Negro Educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.